

Custódia Wolney

Kalunga

1ª edição

Brasil

2011

 **icone**
editora

© Copyright 2011
Ícone Editora Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wolney, Custódia

Kalunga/Custódia Wolney | 1ª ed. | São Paulo: Ícone, 2011.

ISBN 978-85-274-1189-9

1. Ficção histórica brasileira | I. Título.

11-08719 | CDD-869.93081

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance histórico: Literatura brasileira | 869.93081

Preparação de originais
Andrey do Amaral

Projeto gráfico, capa e miolo
Richard Veiga

Revisão
Andrey do Amaral
Juliana Biggi

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados à:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP: 01135-000 – São Paulo/SP

Fone/Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br

Apresentação

Ao escrever um romance histórico, deixo-me envolver totalmente pelo contexto que estou abordando. Vivo intensamente meus personagens. Vibro e sofro com eles. Sou fiel à historicidade brasileira. É assim que faço o resgate da História. Sendo ela um passado distante, debruço-me sobre livros em longas pesquisas até que me perceba vivenciando o que outras pessoas já viveram ao longo do tempo. Ao deparar-me com um contexto presente, vou ao encontro do fato até que ele se torne parte da minha vida.

Escrever um romance histórico é ter a oportunidade de conhecer as entranhas do Brasil e, quanto mais escrevo, maior fica a percepção de que minha caminhada

está apenas começando neste meu imenso e amado País, rico em sua pluralidade cultural, fruto da miscigenação que se traduz no encontro de diferentes raças pulsando no mesmo coração brasileiro!

Escrever sobre a Comunidade Kalunga foi fruto do amadurecimento de alguns anos de pesquisa e da vontade de conhecer mais sobre essa gente tão forte e guerreira. Sempre que eu viajava, seguindo rumo aos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, contemplava à distância aqueles morros e serras, e, a cada viagem, sentia aguçada em mim uma vontade genuína de ir além das estradas e desvendar os mistérios que envolviam uma comunidade que vivera isolada, por longos anos, desde os tempos da escravidão.

A comunidade Kalunga representa, não só para o Estado de Goiás, mas para a sociedade brasileira em geral, um riquíssimo patrimônio histórico e cultural. Um refúgio onde os africanos e seus descendentes construíram sua história de liberdade longe dos grilhões da escravatura, mantendo sua identidade, costumes e tradições afro-brasileiras que ainda hoje são cultuados nos vãos das serras, reduto dos remanescentes dos quilombos no Brasil, protegidos pelas águas do rio Paranã.

O romance Kalunga aborda questões como: grilagem de terra, preconceito racial, influência indígena na comunidade Kalunga, focando os valores e tradições afro-brasileiras, mesclando ficção com relatos históricos de acervo de centros culturais, universidades e pesquisadores.

Custódia Wolney

A autora

Custódia Wolney é escritora de romances históricos, comprometida com a divulgação da cultura e historicidade brasileira. Formada em Administração de Empresas, com especialização em Metodologia do Ensino Superior, seu maior objetivo é divulgar, em seus livros, a riqueza da diversidade cultural de nosso país.

Nossa romancista tem um diferencial: traduz com maestria os fatos históricos por meio de histórias interessantes e articuladas.

Andrey do Amaral,
professor de redação e literatura

Prefácio

Os vãos das serras

A narrativa Kalunga de Bernadete, ou Berta, como é conhecida pelos seus nossa contadora de histórias, dá-nos conta dos reveses enfrentados pelos que saíram da região do quilombo, fugindo da opressão, e se tornaram vítimas dos açoites do preconceito – *“aumentando ainda mais a distância entre nós”*.

No texto objetivo, de valor sociológico, índio e negro, historicamente unidos nas torturas do tronco, são, de modo sublime, aproximados nas ternuras do amor, que vence suas próprias barreiras, ódios e rancores, e o tempo.

A história do povo Kalunga, suas origens, lutas e dificuldades, e o enfrentamento de cada uma delas, são

o pano de fundo do belo romance de Custódia Wolney, que mostra, de modo claro e contundente, a convergência de desgraças nas histórias de duas diferentes nações, habitantes da mesma área geográfica, Kalunga e Avá-Canoeiros.

O romance histórico registra a luta pela liberdade, individual e coletiva, enfrentando ameaças e morte, superando invasores, grileiros, fazendeiros de gado, represas hidroelétricas; a passagem veloz, da situação isolada, esquecida do mundo, por ele negligenciada, ao exercício da cidadania; e o rápido *aprendizado* das coisas consideradas modernas, abandonando tradições ancestrais.

A esperança da fraternidade universal surge da superação dos ódios, representados, no romance, de forma exemplar, na união de negros Kalunga e dois remanescentes índios Avá-Canoeiros, em torno da causa comum, a defesa do território, da família e da liberdade.

Hábitos, costumes, tradições e comidas, além das belezas naturais daquela parte do país, são apresentados de maneira tão singela, que nos pegamos com vontade de fazer as malas e ir visitar Berta e sua família, para ouvir histórias, à noite, ao pé do fogão de lenha, ou sob o céu das estrelas que os iluminam. Até porque a luta de liberdade do povo Kalunga é a nossa luta de sobrevivência.

Tenha certeza de que você viajará nos vãos das seras das páginas deste romance.

Tarcísio Almeida, médico e escritor

1



Kalunga

Nota explicativa: Neste romance, há variação proposital da norma culta da Língua Portuguesa para representar a fiel realidade e fala da comunidade Kalunga.

Todas as tardes, quando o sol se põe atrás das serras avermelhando o entardecer, sento na cadeira de balanço, que fica na varanda de nossa casa. Ao longe, posso ver os morros e serras distantes, até onde a vista alcança. Tudo verde, tudo paz. Com o olhar fixo nesta paisagem, me transporto a outros tempos. Fecho os olhos e me vejo menina, moleca, correndo entre os vãos das serras, despreocupada, segura e tranquila. Penso na saga do meu povo; meu povo que fez do chão da mata a sua terra, o seu forte; meu povo que – há mais de séculos, desde quando, no Brasil, o negro era matéria bruta que se comprava no mercado – vem procurando a igualdade que, embora seja sua por direito, lhe foi arrancada das mãos por uma sociedade que acreditava que o valor da pessoa estava, entre outras coisas, na cor de sua pele.

Nossa casa tinha os cômodos amplos, mas era modesta. Uma choça feita de taipa, barro socado, em armação de taboca e coberta com palha de buriti. Possuía dois quartos e, passando por um estreito corredor ao ar livre, chegávamos a uma grande cozinha que costumava ser o local de encontro da família e dos vizinhos. No quintal,

muitas árvores frutíferas e a mesma areia branca e fina que havia do lado de fora iam casa adentro. Porém, mãe Iara era muito cuidadosa e, com uma folha velha de buriti, mantinha nossa casa sempre limpa.

À noite, sob a chama reluzente saída de uma pequena lamparina à base de querosene, eu ouvia, fascinada, as histórias que meu bisavô Nhô Tobias contava. Ele, já com o rosto todo enrugado, mostrando a idade avançada, ajuntava a criançada, e, enquanto enrolava o fumo na palha seca, contava as histórias antigas do Quilombo dos Palmares, que ele ouvira quando ainda era criança.

Eu achava triste a história dos negros trazidos da África para trabalhar nos canaviais de açúcar e nas minas de ouro aqui no Brasil. Trabalhavam sem sossego nem descanso, sustentados à base de feijão, farinha e peixe... Comida na medida, sem fartura. Orgulhava-me dos que conseguiam fugir do tronco onde eram açoitados. Iam embora, levando consigo as marcas do bacoalhau, chicote de três pontas, que cortava a pele, deixando em seus corpos as marcas da tortura e, em seu sangue, a revolta pungente.

Meu bisavô contava: *os fugitivos caminhavam léguas, até chegar a uma serra na qual havia pedras, palmeiras e um largo rio.* O número de escravos que conseguia fugir das fazendas ia aumentando cada vez mais, e todos encontravam paz e alento entre os Palmares.

Meninota, eu nunca havia ido à escola. Aquelas histórias recheadas de mistérios e lutas cresciam em minha mente. Depois de ouvi-las, eu passava uma noite agitada,

sem dormir direito, revirando-me na rede de algodão feita por minha mãe. No outro dia, logo cedo, ia brincar nos arredores, montada na folha de buriti que mãe Iara usava para limpar o terreiro e a casa. Quando minhas amigas estavam por perto, brincávamos juntas. Se elas tivessem escutado as histórias do Nhô Tobias, melhor; se não, eu lhes contava tudo antes de iniciar a brincadeira e, depois, criávamos nossas próprias histórias. E no faz de conta, estávamos sempre fugindo dos canaviais de açúcar e nos encontrando com os quilombolas.

Quando já fartas de brincar, queríamos conhecer mais, saber sobre o que acontecera àquela gente. Íamos ansiosas atrás do Nhô Tobias. Ele ficava na roça próxima à minha casa. Ao vê-lo ainda distante, com a enxada a remexer a terra, corríamos ao seu encontro. Atrapalhávamos o seu serviço, pedindo sua atenção. Mas, para ele contar as histórias dos Quilombos, só à noite, na mesa da cozinha, sob a luz da lamparina. Então íamos embora com a promessa de que, depois do jantar, ele nos contaria mais histórias. Passávamos o dia na expectativa do encontro. Nhô Tobias era nosso mestre, nosso professor, considerado sábio, como um pajé de uma tribo indígena.

Naquela noite, Nhô Tobias nos contou: *nos Palmares havia mocambos, aldeias espalhadas, e eles se juntaram em um governo só*. Falou sobre Ganga Zumba, Ganga na África significa rei, e Zumba era seu nome próprio. Ele era o chefe do Quilombo dos Palmares e lutava pelos direitos dos negros. Contou que, em um dia de confronto, o inimigo invadiu uma aldeia, matou gente, queimou casas,

degolou crianças. Um menino de poucos meses escapou de morrer. Deram o pobre a um sacerdote que criou o pequeno órfão. Deu-lhe o nome de Francisco, e o menino cresceu protegido pelo padre. Foi coroinha, ajudante de missa, aprendeu matemática, latim, histórias da Bíblia. Tornou-se um adolescente inteligente, estudado, galgou um conhecimento que negro nenhum tinha até então.

Francisco sentia que tinha uma sina, um dever a cumprir. Certa noite, como de costume, tomou a bênção do padre e foi dormir. No outro dia cedo, o padre sentiu falta de Francisco à hora do café da manhã. Foi ao quarto do rapaz que estava vazio, com a rede balançando ao sabor do vento que entrava pela janela aberta. O padre ficou triste, mas sabia onde Francisco havia ido. Ele fora ao encontro dos Palmares, em busca de sua gente. Lá mudou de nome, resolveu chamar-se Zumbi e adotou uma família. Inteligente, em pouco tempo se tornou chefe de um mocambo, com todos os mocambos obedecendo ao Ganga Zumba.

Lembro que eu nem piscava os olhos, enquanto os ouvidos ficavam atentos a tudo que Nhô Tobias dizia. As histórias contadas na escuridão da noite, com a criança toda em silêncio, sentada no chão coberto pela camada de areia branca e fina, e a sombra de seus corpos refletidos nas paredes socadas da cozinha, pareciam possuir mais emoção. Minha mãe ajeitava a lenha em brasas no fogão, e uma panela de barro cheia de arroz estava lá, sempre quente, para quem sentisse fome, e a conversa gostosa se estendia noite adentro.